

DEPOIS DE QUINHENTOS: UM OLHAR PORTUGUÊS SOBRE O CASTELHANO

Miguel António Costa Gonçalves (UCP-BRAGA)
miguelgoncalves.ucp@gmail.com

A ambiguidade latente no título desta comunicação, se não foi procurada, é, pelo menos, consentida. Aponta para uma perspectiva subjetiva: a visão que temos do idioma originário de Castela, o castelhano, reportado à época em que começava a ser também, abusivamente, designado por "español", e que por isso situa se num passado longínquo, balizado pelo período referenciado por "antes e depois de Quinhentos". Mas o sujeito desta visão não é um observador qualquer: é a visão, singular, de um "nós" enquanto linguistas, sobre o comportamento dos linguistas portugueses (e em português), mas não exclusivamente, da época, que, a priori, tinham uma visão positiva e até sedutora a julgar pelos duzentos e cinquenta anos (c. de 1450 a c. de 1700) de bilinguismo literário, e, até mais que literário, luso-castelhano. Privilegiaremos o levantamento de alguns conceitos-chave em que se esboçam os primeiros exercícios comparativistas luso-castelhanos, centrados na perspectiva da riqueza/pobreza léxica ou do grau de "corrupção" assim como o "corpus" linguístico-literário estimado como relevante. No caso do bilinguismo luso-castelhano a que nos reportamos, existiam, então, como e existem na atualidade, visões quase polarizadoras do mesmo. Entre os contemporâneos, parece prevalecer uma atitude mais compreensiva e tolerante por parte dos escritores, e em particular dos poetas, e menos complacente por parte dos linguistas. O ângulo de observação é, sobretudo, português, mesmo que não descuremos a voz - e, particularmente, o silêncio - de alguns linguistas castelhanos.